**Truz, truz, é o Pai Natal**

Truz, truz. Truz, truz, truz – ouvia-se ecoar gentilmente pela casa. Nós estávamos perto da porta da cozinha, bem fechada, de onde o som das pancadas se fazia ouvir com firmeza e, não obstante, interrogadoras… Sim, sim, sim – gritava a criançada – o Pai Natal pode vir!!! E caía o silêncio. O Pai Natal gostava de arrumar sozinho as prendas à volta do sapatinho.

Claro que eu e os meus irmãos já tínhamos limpado muito bem os sapatos antes de tirar um e de o colocar por de baixo da chaminé, à volta do fogão. Vivíamos em Lisboa, nos designados “bairros novos”. As cozinhas eram, pois, modernas e o seu centro era o fogão, também ele moderno. Mas acima dele abria-se um buraco imenso, a perder de vista, muito escuro, todo preto. Mas não sujo! A mãe chamava o limpa-chaminés todos os anos antes do Natal. A chaminé tinha de estar limpa para o Pai Natal descer. E a casa também estava toda enfeitada…

Já há semanas, no início do advento, tínhamos ido comprar um pinheiro. Hoje parece-me que seria pequeno, colocado num vaso num canto da sala. Mas de facto, para mim, sempre foi imenso. Até era preciso escorar o tronco para não cair com o peso. E depois todos nós nos atirávamos às caixas dos enfeites para tirar o mais bonito, sucessivamente, e pendurá-lo cuidadosamente onde nos parecia bem. Eram só cores e formas, todas diferentes! Depois colocávamos aquelas fitas tão brilhantes. Mesmo no fim – e era preciso ir buscar um banco para subir – ajeitávamos a estrela mesmo, mesmo no topo da árvore, com a ajuda da mãe.

Já só faltava acender a sanefa de luzes cintilantes… Oh, não, estavam fundidas! Não faz mal – dizia a mãe – amanhã substituímos.

Agora o presépio! Já está tudo pronto para fazermos o presépio, por debaixo da árvore para ficar com as luzes e todos os enfeites à sua volta. E começava também a narrativa do nascimento de Jesus… Maria e José à procura de estalagem, o abrigo no estábulo, o nascimento de Jesus numa manjedoura, os anjos e os pastores, a estrela… Mas também a vinda de Jesus para nos ensinar a fazer o bem, ficando triste quando agimos mal, amando-nos sempre muito para nos ajudar a voltar ao caminho do bem. A casa enchia-se de ternura: gostávamos muito de Jesus e queríamos agradar-lhe, queríamos ser bons.

Não sei se quem me lê, crê. Mas mesmo para os que não creem na divindade de Jesus, a sua palavra deve ser reconhecida como essencial para a realização pessoal de cada um e para uma coexistência pacífica em sociedade. Qualquer que seja o fundamento – religioso com a promessa da vida eterna, ou mundano esgotando-se na nossa presente existência –, a mensagem de amor e de perdão de Jesus mantém-se actual, necessária e urgente.

Que barulho era aquele..?! Parecia um amarfanhar, um roçar… Seria o Pai Natal a partir…? Tocam os sinos, abre-se a porta da cozinha, corremos todos tropeçando uns nos outros para, de repente, pararmos, estáticos, olhos esbugalhados de espanto e aquele “ohhhhhhh” de surpresa incrédula e feliz… Tantas prendas que o Pai Natal trouxe! Fomos bons? fomos como Jesus? – perguntamos com o olhar aos nossos pais, atrás de nós. E eles confirmam com o sorriso.

Sim, ainda acredito no Pai Natal. Ainda me deleito com o mistério e alegria que traz aos rituais do Natal e o entusiasmo jogo da recompensa das boas acções. Mas os rituais só fazem sentido se vivermos a realidade que os inaugura: o Natal, para crentes e não crentes, é a renovação da esperança de que podemos ser melhores!

M. Patrão Neves

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)